



Retrato de Tomás Antônio Gonzaga.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

As Cartas chilenas e a literatura engajada

CLENIR BELLEZI DE OLIVEIRA

A tradição de nossa literatura é inaugurada com a “Carta de achamento do Brasil”, escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei d. Manuel I de Portugal, no dia 1º de maio de 1500. Nela, o escrivão da armada de Pedro Álvares Cabral reporta ao monarca as primeiras impressões da terra e da gente nativa.

Assim, esse primeiro registro literário vem comprometido com uma perspectiva descritiva/narrativa de um Brasil em estado natural que muito contribuiria para a constituição da imagem mítico-histórica do futuro país. Com a intensificação do processo de colonização, especialmente a partir da década de 1570, fizeram-se outros registros que integram nossa literatura de formação, como *Duas viagens ao Brasil*, de Hans Staden, entre outros.

Em 1601, quando o Barroco teve início formalmente no Brasil, o movimento — modesto na terra recém-descoberta — abarcou a obra de Gregório de Matos. Em sua poética, esse autor abordou com versos agudamente críticos a situação sociopolítica da colônia, já apontando os desmandos dos colonizadores e, pode-se dizer, inaugurando uma vertente de literatura engajada que se estende até nossos dias. Por “engajada”, entende-se envolvida em nível político a favor ou contra determinada causa ou tendência. Nesse quesito, Gregório foi o primeiro escritor brasileiro a se indispor abertamente com os colonizadores e políticos que aqui estavam, e o primeiro a distinguir portugueses e brasileiros, estes últimos já descendentes dos pioneiros e nativos da terra.

■ TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (1744-1810)

Nasceu na cidade do Porto (Portugal), sendo o último de uma família de sete irmãos. Passou parte da infância no Brasil e voltou para Portugal para ingressar na Universidade de Coimbra. Retornou ao Brasil e tornou-se juiz. Mudou-se para Vila Rica em 1782, onde se apaixonou por Maria Doroteia Joaquina de Seixas, inspiradora dos seus poemas líricos, que tornaram sua obra mais reconhecida: *Marília de Dirceu*. Prestes a se casar com Maria Doroteia, foi denunciado de participar da Conjuração Mineira, e foi preso e exilado em Moçambique, onde se casou com Juliana de Sousa Mascarenhas. Foi designado juiz da Alfândega de Moçambique, onde faleceu.

ARCADISMO ■

O movimento do Arcadismo, também chamado de Neoclassicismo, em que se insere a maior parte da obra de Tomás Antônio Gonzaga, caracteriza-se predominantemente como um resgate dos postulados do Classicismo renascentista, que, por sua vez, retoma os ideais de arte da Antiguidade clássica. O nome "Arcadismo" origina-se de Arcádia, região rural da península do Peloponeso, na Grécia. Segundo a tradição, a área era habitada por pastores de ovelhas que cultivavam a poesia, a dança, a música e os amores livres.

As características fundamentais desse movimento são:

- Equilíbrio, harmonia, senso de proporções etc.
- Visão antropocêntrica, racionalista, materialista e mais objetiva do mundo.
- Recriação do universo campestre da Arcádia antiga: fingimento poético que consistia em fazer com que o enunciador poético assumisse um pseudônimo grego ou romano e se inserisse em uma paisagem semelhante à dos pastores da Antiguidade.
- As arcádias do século XVIII eram como clubes onde os escritores se encontravam para ler e ouvir poesia. Eles seguiam uma série de regras, chamadas de *clichês arcades*, e que podem ser assim resumidas:
 - *Fugere urbem*: "fugir da cidade", evadir-se para o campo, ambientação campestre;
 - *Locus amoenus*: o mundo é um "lugar ameno", agradável;
 - *Carpe diem*: "colher o dia", máxima do filósofo e poeta romano Horácio, que incita a aproveitar a vida, viver intensamente;
 - *Aurea mediocritas*: "equilíbrio de ouro", pois *in medio es vitua*, ou seja, a virtude está no meio; os extremos desequilibram o indivíduo;
 - *Inutilia truncat*: "corta o inútil", expressão que indica uma reação aos excessos estilísticos do Barroco e propõe uma linguagem mais simples, clara e direta.

É interessante ressaltar que nem todos os postulados aqui descritos estão presentes na poética do período.

Quando não se verifica o apelo campestre, é preferível empregar o termo "Neoclassicismo" para designar o movimento.

Na escola literária que se segue ao Barroco, o **Arcadismo** (ou Neoclassicismo), temos autores fundamentais que, cada um a seu modo, investiram poeticamente contra o *modus operandi* europeu. Basílio da Gama, em seu *Uraguai*, de 1769, apesar de aplaudir a política despótica esclarecida do marquês de Pombal, secretário de Estado do Reino, a serviço do rei d. José I, aponta a Igreja católica de Roma, instituição fundamental para o processo colonialista, como responsável pelo massacre dos índios.

Tomás Antônio Gonzaga foi declarado autor das anônimas *Cartas chilenas*, poema satírico que denuncia a corrupção, a vaidade e a impiedade usurária na administração de Luís da Cunha de Menezes, governador da capitania de Minas Gerais, entre 1783 e 1788.

O AUTOR E SEU TEMPO

Tomás Antônio Gonzaga nasceu na cidade do Porto, em Portugal, em 1744, filho de João Bernardo Gonzaga, magistrado carioca, e de Tomásia Isabel Clarque, portuguesa, que faleceu deixando o filho com nove meses incompletos. Ficou aos cuidados de tios durante cinco anos, enquanto o pai trabalhava em lugares distantes.

Quando João Bernardo foi nomeado ouvidor-geral da capitania de Pernambuco, trouxe o filho consigo para o Brasil, aonde chegaram em 1752. Gonzaga aqui permaneceu até 1761, quando voltou para a Europa para cursar a Faculdade de Leis, na Universidade de Coimbra. Formado, advogou e exerceu a magistratura em Portugal, até retornar ao Brasil em 1782.



Litografia colorida de Loeillot da igreja de São Francisco em Ouro Preto e, na página ao lado, de rua na parte baixa da cidade.



Os vinte anos de vida em Portugal abarcaram o reinado de d. José I (1750-77) e os poderes quase ilimitados de seu secretário de Estado do Reino, **Sebastião José de Carvalho e Melo**, o **marquês de Pombal**, que esteve no cargo de 1755 até a morte do regente. Gonzaga também assistiu à queda e ao quase desterro de Pombal, motivados pela absoluta aversão que d. Maria I, filha e sucessora de d. José, tinha do marquês.

Ao retornar ao Brasil, depois de 21 anos, Tomás Antônio Gonzaga encontrou o território em pleno ciclo da mineração e, designado ouvidor-geral de Vila Rica, atual Ouro Preto, esteve no centro nervoso da economia da colônia. O ano seguinte ao de sua chegada provavelmente foi aquele em que conheceu a adolescente Maria Doroteia Joaquina de Seixas, a quem dedicaria as belíssimas líras de *Marília de Dirceu*.

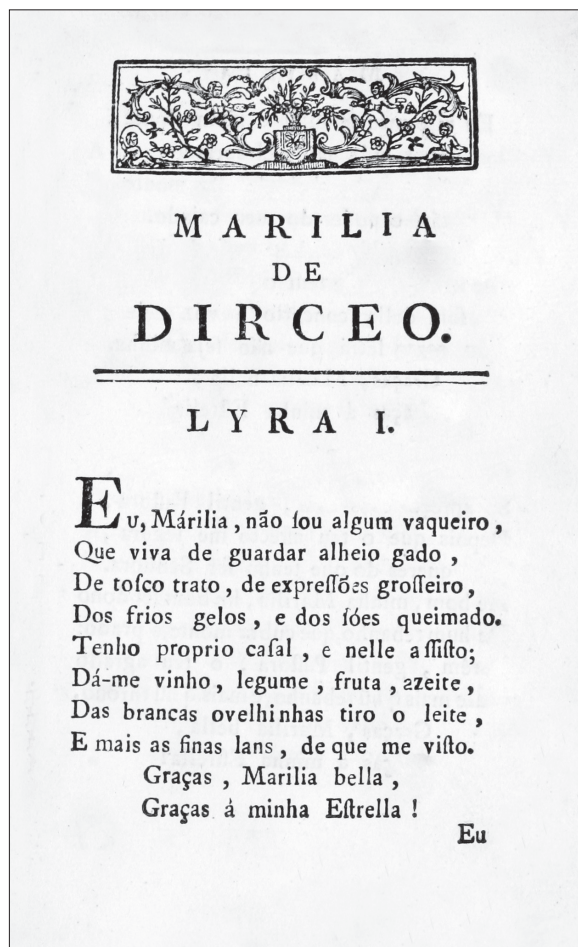
Em 1784 começaram os atritos com o já referido governador da capitania de Minas Gerais, Luís da Cunha Menezes. Entre 1784 e 1785, escreveu duas cartas a d. Maria I denunciando as arbitrariedades do governador, sujeito de personalidade cruel, vaidosa e usurária.

Estava, então, em vigor o pagamento do quinto, ou seja, o ouro garimpado tinha de passar por casas de fundição, onde 20% era destinado à Coroa portuguesa, o que abalou profundamente a economia de Minas Gerais. A derrama era a forma de cobrança do imposto exorbitante. E Cunha Menezes exercia tal cobrança de modo desumano e truculento.

A exploração voraz do ouro declinava, bem como o minério, o que o governador atribuía ao contrabando. Para equilibrar os proventos oriundos da

■ MARQUÊS DE POMBAL

Figura controversa, o marquês de Pombal fez uma administração autoritária e severa, adotando o despotismo esclarecido como orientação política. Enfrentou, no primeiro ano de sua gestão, o grande terremoto seguido de um tsunami que destruiu quase toda a cidade de Lisboa, reconstruindo-a. Indispôs-se com os jesuítas, expulsando-os dos territórios portugueses, e laicizou o ensino, isto é, desvinculou-o da Igreja, entre outras medidas.



Primeira página da edição de 1972 do livro *Marília de Dirceu*.

O SÉCULO DAS LUZES ■

O século XVII foi pródigo em acontecimentos. Com o arrefecimento da repressão da Contrarreforma, movimento católico de reação à Reforma protestante, grandes transformações culturais ocorreram na Europa. A filosofia dominante era o Iluminismo, que creditava todo conhecimento válido à razão e à interação entre o indivíduo e o mundo material. Na França, Voltaire, Diderot e D'Alembert organizaram a primeira enciclopédia, que contou com a colaboração de Rousseau e Montesquieu, em um movimento que ficou conhecido como enciclopedismo. Esses intelectuais produziram ainda, individualmente, obras notáveis na literatura e na filosofia. Houve grandes avanços tecnocientíficos, o que aumentou a produção de bens, incentivou o comércio, ampliou os meios urbanos e contribuiu para a ascensão da burguesia. Esse século culminará ainda em duas grandes revoluções: a Industrial, ocorrida na Inglaterra, e a Francesa.

colônia, tomaram-se providências como proibir a fabricação de produtos artesanais e manufaturados, taxando com altos impostos os que vinham da Europa.

A insatisfação gerou uma conspiração de caráter separatista, engendrada por volta de 1788 e esmagada em 1789, quando Joaquim Silvério dos Reis denunciou à Coroa a conjuração. Consta que Tomás Antônio Gonzaga tenha participado de pelo menos de duas dessas reuniões conspiratórias. Quando os envolvidos foram presos, Gonzaga estava entre eles. Foi preso em Vila Rica em maio de 1789, passou por duas prisões e, em 1792, foi condenado a dez anos de exílio em Moçambique. A insurreição abortada ficou conhecida como Inconfidência Mineira.

Em Moçambique, casou-se com Juliana de Sousa Mascarenhas, com quem teve um casal de filhos; ocupou alguns cargos públicos e, em 1809, ano de sua morte, tinha sido designado juiz da alfândega.

Artisticamente, Gonzaga — que, ao lado de Manuel Maria Barbosa du Bocage, foi dos maiores nomes do Neoclassicismo em língua portuguesa — teve, no Brasil, como companheiros de estética Cláudio Manuel da Costa, Alvarenga Peixoto, Basílio da Gama, entre outros.

CARTAS CHILENAS — RETRATO EM VERSOS DE VILA RICA

Enquanto a Conjuração Mineira era engendrada, começou a circular em manuscritos apócrifos, ou seja, sem autoria definida, uma série de cartas, forjadas em versos decassílabos brancos, isto é, sem rimas. Posteriormente, foram reunidas treze delas, mais a “Epístola a Critilo”, perfazendo 4268 versos. Se outras houve, perderam-se.

Durante muito tempo a autoria das cartas foi um mistério, até que estudiosos, comparando-as com obras dos prováveis autores, chegaram à conclusão de que Tomás Antônio Gonzaga as tinha escrito.

As *Cartas chilenas* integram o gênero satírico e atacam o governo de certo Fanfarrão Minésio, que supostamente governava Santiago do Chile. O “autor”, que assina “Critilo” e as escreve em castelhano, as “remetia” a

Doroteu, que estaria na Espanha. Critilo as enviou ainda a um anônimo que teria feito a tradução para o português. Nelas, encontram-se abundantes semelhanças com a situação política de Minas Gerais, notadamente de Vila Rica sob a gestão de Luís da Cunha Menezes — note-se o deboche na escolha do nome “Minésio”, que, por associação, lembra “Menezes”.

Além disso, em muitas passagens veem-se semelhanças com episódios ocorridos naquele tempo/espço. Assim, posto que a censura era tremenda, a crítica tinha de ser velada. Daí a estratégia de se metaforizar Vila Rica e Minas Gerais como Santiago e Chile.

Assim, não seria impróprio em sala de aula valer-se de um esquema de “tradução” dos personagens e lugares básicos que foram substituídos na obra para que o Brasil se ajustasse ao suposto Chile de Critilo. Teríamos o seguinte:

	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
Emissor	Critilo	Tomás Antônio Gonzaga
Destinatário	Doroteu	Cláudio Manuel da Costa (por suposições indicadas em detalhes da obra)
Cidade	Santiago	Vila Rica
País	Chile	Brasil
O criticado	Fanfarrão Minésio	Luís da Cunha Menezes (governador da capitania de Minas Gerais, criticado por sua tirania no exercício do poder)

A edição da série Companhia de Bolso, da Companhia das Letras, traz a relação de correspondência provável entre os codinomes usados na obra e os fictícios.

A ORGANIZAÇÃO DA OBRA

Na presente edição, *Cartas chilenas* apresenta a seguinte sequência:

- **Dedicatória:** “Aos Grandes de Portugal”, a quem recomenda as cartas, rogando que as guardassem e protegessem quando chegassem a eles; assina “Critilo”, “De V. Exa. o seu menor criado”.

- **Prólogo:** Atribuído ao anônimo que conta ter recebido as cartas pelas mãos de um “Mancebo, Cavalheiro, instruído nas Humanas Letras”; Critilo, autor das missivas, que as confiou a ele. Resolveu o anônimo, então, pelo refinamento de maldades perpetrado pelo Fanfarrão Minésio no relato que Critilo lhe confiara sob a forma de treze cartas, traduzir para nossa língua para que pudéssemos desfrutar da obra, e pudéssemos perceber que, embora risível, a fábula falava de nós, mudados os nomes, conforme citação horaciana.

- **Epístola a Critilo:** Carta do anônimo tradutor dirigida a Critilo, seu suposto autor, e que louva as virtudes das cartas que lhe foram confiadas.

Seguem-se, então, as cartas, da 1ª à 13ª, na seguinte sequência de assuntos:

■ **Carta 1ª:** “Em que se descreve a entrada, que fez Fanfarrão em Chile”: chama Doroteu, o destinatário a quem dirige todas as treze cartas, a despertar, como se ele dormisse, e apresenta-lhe, com traços desonrosos e caricatos, o terrível Fanfarrão Minésio.

■ **Carta 2ª:** “Em que se mostra a piedade, que Fanfarrão fingiu no princípio do seu Governo para chamar a si todos os negócios”: trata dos expedientes usados por Minésio para angariar poder e negócios; tais expedientes incluem favores, chantagens, ilegalidades, em resumo, corrupção. A literatura engajada diz a que veio, seu alvo já está delineado na Carta 1ª, agora é começar a contar o que ele faz e como governa.

■ **Carta 3ª:** “Em que se contam as injustiças, e violências, que Fanfarrão executou por causa de uma Cadeia, a que deu princípio”: conta sobre o projeto do governador de construir uma cadeia em Vila Rica, denuncia a justiça relativa e corrupta praticada pelo governante, bem como os arranjos nefastos e os sacrifícios humanos que demandaram para se iniciar tal projeto. Denuncia as condições desumanas e brutais com que os presos são tratados.

■ **Carta 4ª:** “Em que se continua a mesma matéria”: segue narrando as manobras condenáveis feitas por Minésio para construir a Cadeia (hoje Museu da Inconfidência, situado na atual praça Tiradentes, em Ouro Preto).

■ **Carta 5ª:** “Em que se contam as desordens feitas nas festas, que se celebraram nos desposórios de nosso Sereníssimo Infante com a Sereníssima Infanta de Portugal”: narra os despropósitos morais e legais praticados pelo governador, que se julga mais poderoso do que os próprios soberanos a quem deveria servir e acima da lei, pela qual devia zelar.

■ **Carta 6ª:** “Em que se conta o resto dos festejos”: ainda relata os atos de improbidade cometidos pelo Fanfarrão, seu apego fescenino às mulheres.

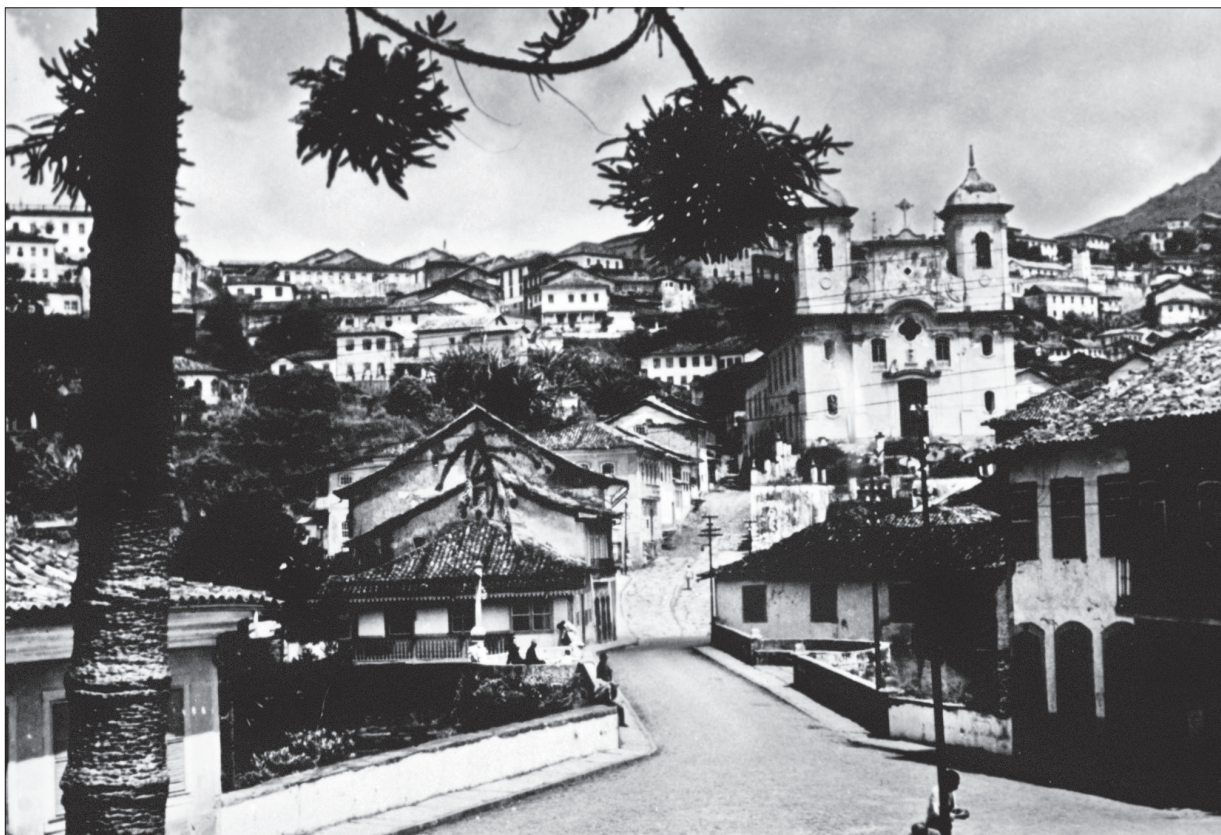
■ **Carta 7ª:** “Em que se trata da venda dos Despachos e Contratos”: nova denúncia sobre corrupção na manipulação do mercado de contratos, que eram cobranças de certos impostos que podiam ser negociados mediante o expediente da concessão da Coroa portuguesa feita em contrato e negociada em concorrência pública.

■ **Carta 8ª:** Sem epígrafe ou cabeçalho; carta breve, parece incompleta; trata da intromissão criminosa na lei por parte de Minésio.

■ **Carta 9ª:** “Em que se contam as desordens, que Fanfarrão obrou no governo das Tropas”: revela as relações do Fanfarrão com os homens de sua tropa — o governador não vacila em castigar um inocente, mas premia e acoberta atos ilícitos de seus soldados, incluindo roubo.

■ **Carta 10ª:** “Em que se contam as desordens maiores, que Fanfarrão fez no seu Governo”: narra como o governador toma a lei em suas próprias mãos, colocando-se acima da Junta que a administrava, exigindo que quaisquer decisões tivessem seu aval.

■ **Carta 11ª:** “Em que se contam as brejeirices de Fanfarrão”: relata vários episódios em que o governador tem comportamento lascivo e desonroso.



Ponte de Marília ou Ponto dos Suspiros em Ouro Preto.

- **Carta 12^a:** Sem epígrafe ou cabeçalho; narra novos episódios de iniquidades cometidas por Fanfarrão Minésio.
- **Carta 13^a:** Idem; epístola curta, trata de como a ignorância e o temor do povo faz com que ele reconheça Minésio como seu líder; e o fingimento deste no gosto pela religiosidade.

A SÁTIRA E A CRUEZA: UMA QUESTÃO DE ESTILO

O contraste entre a brutalidade do que contam as treze cartas e a singularidade de seu estilo conferem muita originalidade à obra, tanto lida integralmente como em partes.

O autor apresenta um estilo gracioso, fluido e veloz, que capta com habilidade, às vezes vertiginosa, o entorno. Foca-o com olhos críticos, indignados, tristonhos, que oscilam da fúria à piedade com destreza, cativando o leitor pela ironia fina, pela crítica sarcástica entremeada de demonstrações de erudição por estabelecer intertextualidade com os clássicos da Antiguidade.

As *Cartas chilenas* são uma obra que, independentemente de sua filiação à história, ou do grau em que tal filiação se manifesta, podem e devem ser consideradas uma pequena obra-prima da literatura. Elas representam uma primeira focalização do Brasil do século XVIII, recortando o que existe de mais fundamental para os rumos de um lugar: como a política é conduzida;



Cartão-postal com foto da casa onde viveu Marília de Dirceu.

como as leis são cumpridas, e se o são; como vive o povo; como o povo é tratado. Na ordem colonial, Gonzaga, um português aclimatado aos trópicos, mantém certa fidelidade afetiva ao rei, depois à rainha, testemunhando desde cá, o Novo Mundo, como as determinações reais, a seu ver, eram descumpridas e ultrajadas. E seguem sendo. Mudados os nomes.

LEITURAS SUGERIDAS

CARTAS CHILENAS, Tomás Antônio Gonzaga. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.

AS CARTAS CHILENAS: UM PROBLEMA HISTÓRICO E FILOLÓGICO, Manuel Rodrigues Lapa. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1958.

A PERSISTÊNCIA DAS IDEIAS E DAS FORMAS: UM ESTUDO SOBRE A OBRA DE TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA, Ronald Polito. (Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense.) Niterói, 1990. Mimeo.

PROFETAS OU CONJURADOS?, Iselde Helena Brans Venturelli. São Paulo: Edição da Autora, 1982.

ATIVIDADES SUGERIDAS

- Leia os seguintes trechos da terceira missiva das *Cartas chilenas*, “Em que se contam as injustiças, e violências, que Fanfarrão executou por causa de uma Cadeia, a que deu princípio”:

Trecho 1

*Já disse, Doroteu, que o nosso Chefe
Apenas principia a governar-nos,
Nos pretende mostrar, que tem um peito
Muito mais terno, e brando, do que pedem
Os severos ofícios do seu Cargo.*

Trecho 2

*Pretende, Doroteu, o nosso Chefe
Erguer uma Cadeia majestosa,
Que possa escurecer a velha fama
Da Torre de Babel, e mais dos grandes
Custosos edifícios, que fizeram,
Para sepulcros seus os Reis do Egito.
Talvez, prezado Amigo, que imagine,
Que neste monumento se conserve
Eterna a sua glória; bem que os povos
Ingratos não consagrem ricos bustos,
Nem montadas estátuas ao seu nome.
Desiste, louco Chefe, dessa empresa;
Um soberbo edifício levantado
Sobre ossos de inocentes, construído
Com lágrimas dos pobres, nunca serve
De glória ao seu autor, mas sim de opróbrio.*

Trecho 3

E sabes, Doroteu, quem edifica

*Esta grande Cadeia? Não, não sabes:
Pois ouve, que eu to digo: um pobre Chefe,
Que na Corte habitou em umas casas,
Em que já nem se abriam as janelas.
E sabes para quem? Também não sabes:
Pois eu também to digo: para uns negros,
Que vivem, (quando muito), em vis cabanas,
Fugidos dos senhores, lá nos matos.*

Trecho 4

*Para haver de suprir o nosso Chefe
Das obras meditadas as despesas,
Consome do Senado os rendimentos,
E passa a maltratar o triste povo
Com estas nunca usadas violências.
Quer cópia de forçados, que trabalhem
Sem outro algum jornal, mais que o sustento,
E manda a um bom Cabo, que lhe traga
A quantos Quilombolas se apanharem,
Em duras gargalheiras. Voa o Cabo:
Agarra a um, e outro, e num instante
Enche a Cadeia de alentados negros.
Não se contenta o Cabo com trazer-lhe
Os negros, que têm culpas: prende, e manda
Também nas grandesavas os escravos,
Que não têm mais delitos, que fugirem
Às fomes, e aos castigos, que padecem
No poder de Senhores desumanos.
Ao bando dos cativos se acrescentam
Muitos pretos já livres, e outros homens
Da raça do País, e da Europeia,
Que diz ao grande Chefe, são vadios,
Que perturbam dos pobres o sossego.*

Alguns recursos retóricos são acionados pelo autor para servir a seu intuito de fazer uma crítica. É importante fazer uma análise estilística do texto para levar os alunos a perceber os efeitos desses recursos. Assim, pode-se pedir a eles que identifiquem o emprego da *ironia* (a referência ao peito “terno e brando” de um governador cujas atitudes serão descritas como injustas e violentas) e de *antíteses* (*soberbo* edifício x *lágrimas dos pobres*; *glória* x *opróbrio*) nos trechos 1 e 2, respectivamente.

- A partir dos trechos reproduzidos acima, peça aos alunos que identifiquem as atitudes do governador (o “Fanfarrão Minésio” das *Cartas*) que são alvos das críticas feitas por Critilo e que estão presentes:

- nas comparações entre a Cadeia que o “Chefe” quer mandar construir e a Torre de Babel e as pirâmides do Egito (trecho 2; menção à megalomania do governador);
 - na pergunta retórica (aquela que é respondida pelo próprio emissor) feita a Doroteu sobre para quem se construiria a cadeia: para negros fugidos, que já vivem em péssimas condições (trecho 3; menção à desumanidade, à injustiça);
 - na referência ao trabalho forçado na construção da Cadeia: “sem outro algum jornal”, isto é, sem salário diário (trecho 4; menção à exploração).
- O trecho 4 acima faz referência a quilombolas: “E manda a um bom Cabo que lhe traga/ A quantos Quilombolas se apanharem / Em duras gargalheiras [algemas, coleiras]./ Voa o Cabo:/ Agarra a um e outro e num instante/ Enche a Cadeia de alentados negros”. Trata-se de uma boa oportunidade de propor uma pesquisa sobre os quilombos, que pode ser conduzida em conjunto com a disciplina de História.
- A poesia satírica costuma explorar o humor. Para tanto, é comum que se refira a aspectos *prosaicos, cotidianos* da vida (em oposição à *lírica tradicional*, que trata do que é *elevado, sublime*) e que empregue a *caricatura* na descrição das personagens que se pretende atacar. Para apreender o gênero satírico, portanto, é importante que os alunos identifiquem esses aspectos, o que pode ser proposto a partir do seguinte trecho da quarta carta:

*Maldito, Doroteu, maldito seja
 O vício de um Poeta, que tomando
 Entre dentes alguém, enquanto encontra
 Matéria, em que discorra, não descansa.
 Agora, Doroteu, mandou dizer-me
 O nosso Amigo Alceu, que me embrulhasse
 No pardo casacão, ou no capote,
 E que pondo o casquete na cabeça
 Fosse ao sítio Covão jantar com ele.
 Eu bem sei, Doroteu, que tinha sopa
 Com ave, e com presuntos, sei, que tinha
 De mamota vitela um gordo quarto;
 Que tinha fricassés, que tinha massas,
 Bom vinho das Canárias, finos doces,
 E de mimosas frutas muitos pratos:
 Porém, que me importa, Amigo, perdi tudo,
 Só para te escrever mais uma carta.
 Maldito, Doroteu, maldito seja
 O vício de um Poeta, pois o priva
 De encher o seu bandulho pelo gosto
 De fazer quatro versos, que bem podem*

*Ganhar-lhe uma maçada, que só serve
De dano ao corpo, sem proveito d'alma.*

*

*A Carta, Doroteu, a longa Carta,
Que descreve a Cadeia, finaliza
No ponto de que os presos se remetem
Ao severo Tenente, que preside,
Como sábio Inspetor, às grandes obras.
Agora prossigamos nesta história,
E demos-lhe o princípio por tirarmos
Ao famoso Inspetor, ao grão Tenente,
Com cores delicadas, uma cópia.*

*

*É de marca maior que a mediana,
Mas não passa a Gigante: tem uns ombros,
Que o pescoço algum tanto lhe sufocam.
O seu cachaço é gordo, o ventre inchado,
A cara circular, os olhos fundos,
De gênio soberbão, grosseiro trato,
Assopra de contínuo, e muito fala,
Preza-se de Fidalgo, e não se lembra,
Que seu pai foi um pobre, que vivia
De cobrar dos Contratos os dinheiros,
De que ficou devendo grandes somas,
Sinal de que ele foi um bom velhaco.
O filho, Doroteu, tomou-lhe as manhas;
Era um triste pingante, que só tinha
O seu pequeno soldo; agora veio
Para Inspetor das obras, e já ronca,
Já empresta dinheiros, já tem casas,
Já tem trastes de custo, e ricos móveis;
Mas logo, Doroteu, verás o como.*

- Leia com os alunos o soneto de Gregório de Matos “À despedida do mau governo que fez este governador”:

*Senhor Antão de Sousa de Meneses,
Quem sobe a alto lugar, que não merece,
Homem sobe, asno vai, burro parece,
Que o subir é desgraça muitas vezes.*

*A fortunilha autora de entremezes,
Transpõe em burro o herói, que indigno cresce:
Desanda a roda, e logo o homem desce,
Que é discreta a fortuna em seus reveses.*

*Homem sei eu que foi Vossenhoria,
Quando o pisava da fortuna a Roda,
Burro foi ao subir tão alto clima.*

*Pois vá descendo do alto, onde jazia;
Verá quanto melhor se lhe acomoda
Ser home em baixo, do que burro em cima.*

A partir da leitura e análise do soneto, proponha uma pesquisa sobre a tradição do gênero da poesia satírica. Os alunos devem percorrer as manifestações da poesia satírica em língua portuguesa, desde as cantigas trovadorescas de escárnio e maldizer, passando pelos séculos XVII (Gregório de Matos) e XVIII (Bocage, em Portugal, e Tomás Antônio Gonzaga, no Brasil). No século XX, poderiam investigar o papel das letras de MPB na resistência ao regime militar. Como se driblava a censura? Havia pseudônimos? Houve prisões e mortes? Chegando aos dias de hoje, algumas questões podem ser propostas: haveria alguma manifestação correspondente à poesia satírica nos dias de hoje? A sátira se faz em verso e/ou em prosa? Como ela se dá nas charges? Há censura? Há represálias? Por parte de quem? Um exemplo dessas represálias poderia ser o caso do ataque à revista *Charlie Hebdo*, na França, em janeiro de 2015. Os alunos perceberiam que a vingança contra as sátiras pode não vir do poder político institucionalizado, mas de grupos político-religiosos radicais.